

## OS TEMAS E OS PROBLEMAS

UM SABER EM ESPIRAL:  
DESAFIOS AO CONHECIMENTO  
HUMANO NO SÉCULO XXI

NESOLOGIA: PECULIARIDADES  
GNOSIOLÓGICAS DAS ILHAS

CONHECIMENTO CIENTÍFICO E  
HUMANIZAÇÃO DA PAISAGEM

HISTÓRIA DA MADEIRA

CULTURA, LINGUAGENS E  
CRIAÇÃO ARTÍSTICA

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO  
HUMANA E PROFISSIONAL  
E DESAFIOS DA SOCIEDADE  
MADEIRENSE

POLÍTICA, SOLIDARIEDADES,  
COMUNICAÇÃO E DIÁSPORAS



Conhecer é a forma suprema da razão humana dominar o mundo, ou seja, de se sentir senhora da vida e da terra habitada. A sistematização do conhecimento de forma distinta e organizada por disciplinas decorre, entretanto, da vontade de ordenar o caos do saber. O conhecimento sistemático oferece-nos então um mapa orientador, que nos dá a impressão pacificante de que abarcamos a realidade e dominamos o caos.

Cada época cultural sentiu a necessidade de realizar esta sistematização, quer em versão de compêndios multidisciplinares, quer em versão de enciclopédia.

Esta obra resulta justamente de um evento científico realizado no quadro de um grande projeto de produção de um novo saber enciclopédico sobre a região autónoma da Madeira.

Foi a partir dos resultados de pesquisa e das reflexões apresentadas nesse evento que esta obra se estruturou, assumindo-se que o maior dos desafios seria uma aposta forte na interdisciplinaridade e na discussão das suas possibilidades e dos seus limites em tempos de acentuada especialização.

Os que se interessam pelos temas madeirenses, articulados e enquadrados por reflexões epistemológicas que interessam à problematização do processo de produção de conhecimento no século XXI, encontrarão aqui, com certeza, leituras estimulantes.

QUE SABER{ES}  
PARA O SÉCULO XXI?



HISTÓRIA, CULTURA E  
CIÊNCIA NA MADEIRA



# QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA



COORDENADORES  
JOSÉ  
EDUARDO  
FRANCO  
E CRISTINA  
TRINDADE

COORDENADORES  
JOSÉ EDUARDO FRANCO  
E CRISTINA TRINDADE

## OS AUTORES

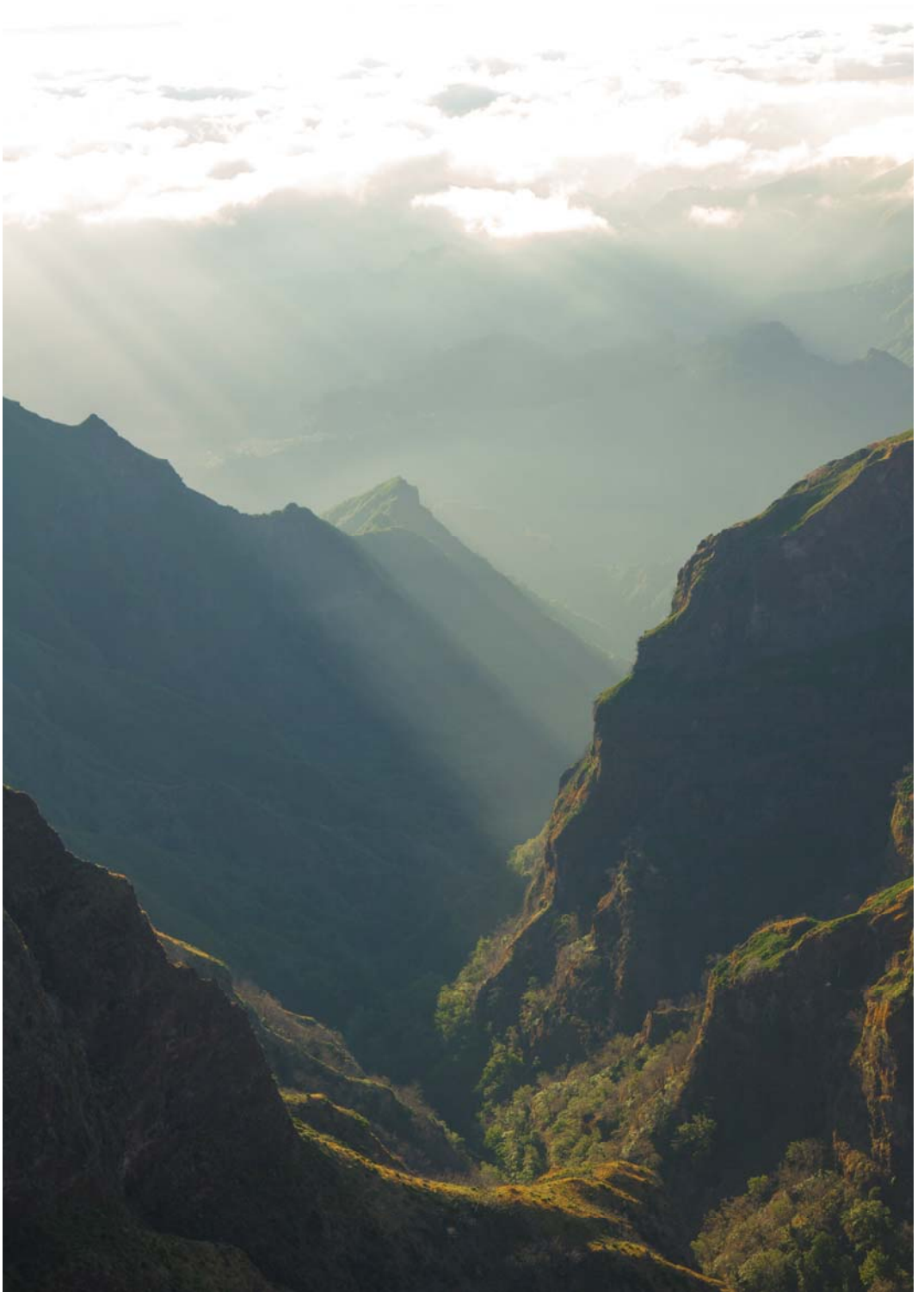
Alberto Vieira  
Aline Bazenga  
Ana Cristina Trindade  
Ana Londral  
Annabela Rita  
Carla Lucas  
Carlos Valente  
Catarina Faria  
Cristina Coelho  
Cristina Trindade  
Custódia Drumond  
Daniela Marcheschi  
Ernesto Rodrigues  
Filipa Oliveira  
Guilherme Silva  
Isabel Santa Clara  
Jacinto Jardim  
Joana Balsa de Pinho  
João David Pinto Correia  
João Relvão Caetano  
Jorge Freitas Branco  
José Eduardo Franco  
José Manuel Paquete de Oliveira  
José Renato Gonçalves  
Luís Machado de Abreu  
Luísa Marinho Antunes  
Luísa Soares  
Marc Augé  
Miguel Sequeira  
Nelson Veríssimo  
Paulo Miguel Rodrigues  
Raimundo Quintal  
Rui Carita  
Simão Silva  
Teresa Norton Dias  
Thierry Proença  
Thomas Dellinger  
Viriato Soromenho-Marques

Projeto 'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira'  
apoiado pelo programa Intervir +  
[www.aprenderamadeira.net](http://www.aprenderamadeira.net)



CLEPUL Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa





• COLEÇÃO ESTUDOS INSULARES •

DIREÇÃO

José Eduardo Franco  
José Manuel Paquete de Oliveira

CONSELHO CIENTÍFICO CONSULTIVO

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Rita Londral  
Carlos Valente, Cristina Trindade, Custódia Drumond  
Eduardo Jesus, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim  
João David Pinto-Correia, Jorge Freitas Branco  
José Agostinho Jardim Gonçalves, Luísa Marinho Antunes Paolinelli  
Luísa Soares, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo  
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Renato Gonçalves  
Rui Carita, Saturino Gomes, Sílvio Fernandes, Simão Daniel Silva,  
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger

A condição insular foi geradora de cultura, de literatura, de modos de estar e de pensar com matizes peculiares conferidos pela mundividência de quem nasceu com a marca de ter o mar como grande e vasta fronteira. Esta coleção pretende publicar obras sobre autores, temas e problemas que valorizem a herança cultural gerada nas ilhas, nomeadamente nas ilhas portuguesas.

# QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

---

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

---

Esta obra foi publicada no âmbito do projeto  
'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira',  
apoiado pelo programa 'Intervir +' [www.aprendermadeira.net](http://www.aprendermadeira.net)

#### TÍTULO

Que Saber(es) para o Século XXI?  
História, Cultura e Ciência na Madeira

#### COORDENADORES

José Eduardo Franco e Cristina Trindade

#### AUTORES

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Londral, Annabela Rita  
Carla Lucas, Carlos Valente, Catarina Faria, Cristina Coelho  
Cristina Trindade, Custódia Drumond, Daniela Marcheschi, Ernesto Rodrigues  
Filipa Oliveira, Guilherme Silva, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim  
Joana Balsa de Pinho, João David Pinto-Correia, João Relvão Caetano  
Jorge Freitas Branco, José Eduardo Franco, José Manuel Paquete de Oliveira  
José Renato Gonçalves, Luis Machado de Abreu, Luísa Marinho Antunes  
Luísa Soares, Marc Augé, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo  
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Rui Carita, Simão Silva  
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger, Viriato Soromenho-Marques

#### DIREITOS RESERVADOS

© Esfera do Caos Editores, APCA e Autores

#### DESIGN DA CAPA

DesignGlow

#### FOTOGRAFIAS EXTRA-CAPÍTULOS

(SEPARADORES DE PARTES E SECÇÕES, E PÁGINAS INICIAL E FINAL)

© Florentino Bernardes Franco

#### IMPRESSÃO E ACABAMENTO ACD PRINT

DEPÓSITO LEGAL 385734/14

ISBN 978-989-680-133-5

1ª EDIÇÃO Dezembro de 2014

ESFERA DO CAOS EDITORES

Campo Grande  
Apartado 52199  
1721-501 Lisboa

[www.esferadocaos.pt](http://www.esferadocaos.pt)

APCA – AGÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Estrada Comandante Camacho de Freitas, 516  
9020-152 Funchal

[www.apca-madeira.org](http://www.apca-madeira.org)

# QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

---

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

---

COORDENADORES

JOSÉ EDUARDO FRANCO  
E CRISTINA TRINDADE

  
ESFERA DO CAOS  
EDITORES

  
AGÊNCIA DE | PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

# História política e institucional da Madeira (séculos XIX e XX): Temas e problemas<sup>1</sup>

Paulo Miguel Rodrigues

Universidade da Madeira  
Centro de Competências de Artes e Humanidades (CCAH)

---

Permitam-me que comece por enaltecer não só a presente iniciativa, assim como o projeto onde esta se insere, ou seja, este *Que Saber(es) para o Século XXI?: História, Cultura e Ciência na Madeira* e, acima de tudo, louvar a circunstância de me parecer que será – finalmente! – desta vez que se vai conseguir concretizar um projeto que apesar de não ser inédito, ganhou uma dimensão impar (ou até talvez seja inédito, tendo em conta a dimensão que se lhe deseja e está a dar).

Aliás, numa perspetiva histórica, é interessante verificar que este desejo de síntese (que teve sempre, inevitavelmente, um significado político) se revela e impõe como uma necessidade de interpretar e realizar uma essência. Foi assim com a *Zargueida* (1806) ou com a *Georgeida* (1819), de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, editadas num dos mais complexos períodos de transição da História da Madeira, como foi o primeiro quartel do século XIX, assunto que aqui, como é óbvio, me abstenho de desenvolver.

Algo semelhante se passou um século depois, com o *Elucidário Madeirense*, obra conjunta (apesar de encimada pelos nomes do Padre Fernando Augusto da Silva e do Eng.º Carlos de Azevedo de Meneses), *Elucidário* que começou a ser efetivamente preparado no início do século XX, nos anos finais da monarquia, mais uma vez num período de transição na vida política e institucional madeirense, mas que depois só se concretizou (os seus dois primeiros volumes) no início dos anos 20, novamente em período de crise e, neste caso, de intenso fervor autono-

---

<sup>1</sup> Este texto representa apenas a versão escrita, ainda que revista, da comunicação oral apresentada no Simpósio. Isto significa que, entre outros elementos, me abstenho de mencionar muitas das referências bibliográficas e/ou outras, às quais, num artigo de carácter académico, estaria obrigado.

mista, em parte associado às comemorações do 5.º Centenário do que então se chamava a *Descoberta* da Madeira.

E assim também aqui estamos nós, hoje, tentando responder, uma vez mais, a uma exigência, de novo em tempo de crise múltipla (como são todas as crises agudas, que não se devem resumir às simples e primárias explicações/soluções económico-financeiras), uma crise múltipla que se verifica à entrada ou já dentro de uma 4.ª República portuguesa.

Dito isto, cumpridos estes pontos prévios, procurarei ser sintético, começando por dizer que interpretei esta iniciativa (e, nela, a minha intervenção) numa dupla perspetiva:

– por um lado, enquanto coordenador de uma das áreas científicas definidas (no meu caso intitulada *Madeira Global*);

– por outro, também como autor de diversos verbetes/entradas que, sendo da minha área de especialidade (a História e, em particular, a História Contemporânea), se irão inserir em áreas científicas que não aquela que coordeno.

Neste sentido, aquilo que aqui apresento não é mais do que uma brevíssima síntese/ideia, quer dos verbetes/entradas que irei coordenar, quer dos temas e dos problemas que considero essenciais para a compreensão da História da Madeira dos séculos XIX e XX numa perspectiva política e institucional.

De um dicionário enciclopédico espera-se, como se sabe (não se pode esperar outra coisa, porque é esse o seu espírito), uma obra de síntese, um “ponto da situação” a respeito de um determinado assunto, um “estado da questão” ou um pouco mais, eventualmente, em alguma área do saber.

É certo que também se pretenderá dar um “salto em frente” (esperemos que não para um abismo...), nem que seja para apresentar a um grande público um conhecimento que, em muitos dos casos, só circula no(s) meio(s) académico(s). De uma forma geral, contudo, não se pode pretender – suponho eu – que os colaboradores avancem apressadamente para os arquivos ou para a análise de fontes primárias, para daí fazerem nascer um dicionário enciclopédico.

Enfatizo este aspecto, exactamente porque considero que nele se encontra um dos principais obstáculos para a compreensão dos séculos XIX e XX na Madeira e para a sua expressão concreta no *Dicionário*.

Porquê? Desde logo, porque faltam investigação e estudos. Apesar de nas últimas duas ou três décadas muito se ter publicado a respeito destes duzentos anos (vejam-se os colóquios e congressos organizados pelo CEHA (Centro de Estudos de História do Atlântico) e, mais recentemente, as iniciativas da Universidade da Madeira, em particular no âmbito dos diversos mestrados nas áreas das Arte e Humanidades), muito ainda há por fazer, pois muito há por investigar, compreender e explicar. Mais: muito também há ainda por rever.

Haverá sempre, como sabemos, coisas por fazer, mas no que à História Contemporânea Madeirense diz respeito são muitas as lacunas, que, esperemos, não sejam impeditivas da apresentação de sínteses aceitáveis e suficientes. Por outras palavras: se estas ausências podem ter vantagens (apresentaremos sempre alguma coisa nova), também nos impõem limites e dificuldades acrescidas para a realização de textos que respeitem integralmente o espírito de um *dicionário enciclopédico*.

A Madeira que se começou a construir a partir de 1974-1976, em particular as vias política, institucional e administrativa que se definiram para restabelecer e fortalecer a unidade nacional e, ao mesmo tempo, concretizar o exercício legítimo da soberania portuguesa no espaço insular madeirense (como no passado quase sempre também se fez), esta Madeira, que deixou de ser um arquipélago *adjacente*, para se tornar numa *Região Autónoma*, em muito contribuiu para a abertura de novos horizontes, e são exatamente estes que, por exemplo, nos permitem estar hoje aqui (num hotel inaugurado a 3 outubro de 1976).

Tudo isto significa, portanto, que grande parte da História política e institucional da Madeira durante os séculos XIX e XX se vai construir em redor e segundo o teor das relações entre três poderes, assim como dos múltiplos interesses que aquelas e estes refletiam, constituíam e caracterizavam:

- o *poder central* (do poder executivo, das Cortes, dos governos, das Assembleias, dos reis e dos presidentes da república e até de pelo menos um presidente do Conselho);

- o *poder local* (dos municípios e das diversas juntas);

- mas, acima de tudo, aquele que designo por *poder insular*, exercido pelos governadores e capitães-generais desde as guerras napoleónicas, pelos governadores civis, pelos corregedores, pelas Juntas (desde a Junta da Fazenda, criada em 1775, à Junta Regional, instituída em

1976, de que se comemora, aliás, depois de amanhã – a 3 de fevereiro de 2014 –, o 38.º aniversário), sem esquecer essa síntese que foi a Junta Geral, ou o que é hoje o Governo Regional. Um poder *insular* que não deve ser confundido, portanto, com qualquer dos poderes locais.

Uma História que, assim, nos vai levar, inevitavelmente, à(s) ideia(s) e ao(s) conceito(s) de “Autonomia”, mas também a entradas como “Adjacência” (esse conceito inédito e artificial, expresso pela primeira vez na *Constituição Portuguesa*, de 1822 e que persistiu até 1974/76), assim como a outros verbetes, tão diversificados como: “Alçadas”, “Asilo”, “Atlântico”, “*British Factory*”, “Grandes Guerras”, “Napoleão Bonaparte”, “Estado Novo”, “Gibraltar”, “Guerras civis”, “Independência”, “Ocupações” e “*Tomada britânica*”. Até nos vamos debruçar sobre a “*Madeirensidade*”. Tudo isto sem esquecer:

– várias personalidades, que exerceram as funções de governador e capitão-general ou de governador civil, assim como muitas outras (todas elas já falecidas – e este foi, aliás, um dos princípios definidos pelos coordenadores) que marcaram a vida madeirense durante os séculos XIX e XX. Bastam-nos breves exemplos para se aferir da sua multiplicidade: do pastor Kalley a Salazar, passando por João Francisco de Oliveira e pelo seu filho, João Gualberto, Conde do Tojal e ministro de Estado; por aquele que terá sido o mais conhecido e influente cônsul britânico, Henry Veitch, ou pelo já referido Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, autor da *Zargueida*, preso e deportado por razões políticas;

– cargos e funções (“Juiz conservador britânico”, para além dos já mencionados);

– datas (o muitas vezes esquecido “21 de Janeiro de 1821”, por exemplo);

– países e empresas (neste caso a “*Royal Mail Packet*”).

Mas a área científica *Madeira Global* também pretenderá ser, a partir da sua base política e institucional, a síntese das inter-relações do Arquipélago madeirense com aquilo que lhe é exterior.

Daí outros tantos verbetes, que vão desde o A de “Açores”, “Aeroporto”, “Arquivo Regional”, “*Atlântida*” (o programa de televisão) ou “Alemanha”, até ao U de “Universidade” (da Madeira), ao V de “Venezuela” e ao Z da sempre presente “*Zargueida*”, passando pelo B de “Brasil”, pelo C de “Cabo Verde”, de “Canárias” e de “Califórnia”, que assim nos conduzem ao D de “Diáspora” e ao E de “Emigração” ou de

“Europa”; ao F de “Flandres”; ao G de “Globalização” ou de “Grandes Guerras”; ao H de “Hawaii”; ao I de “Independência”; ao J das “Juntas” ou de “Jersey”; ao L de “Literatura Madeirense”; ao M de “Macaronésia” ou de “Marítimo”; ao N de “Nacional”; ao O de “Ocupações”; ao P de “Porto”; ao R de “República”; ao S de “Suriname”; ao T de “Teatro” ou de “*Tchiloli*”; sem esquecer, pelo caminho, os múltiplos títulos de periódicos (revistas e jornais) madeirenses ou feitos por madeirenses, assim como vários clubes e associações de diferente carácter.

Quero terminar este brevíssimo texto com o espírito com que o comecei, mas agora citando palavras que se podem ler na folha de apresentação deste *Que Saber(es) para o Século XXI?*: está a decorrer “uma das maiores operações de investigação de sempre sobre História, Cultura e Ciência no/do arquipélago madeirense” (permitam-me que diga que, se for bem sucedida será, sem dúvida, a maior). É com muita honra e orgulho que dela faço parte.

Faço votos para que tenhamos todos – todos aqueles que neste esforço hercúleo participam ou venham a participar – consciência plena da responsabilidade que assumimos e a que estamos obrigados. Saibamos, portanto, honrar a História da Madeira e a memória dos madeirenses e de todos aqueles, a maior parte deles já desaparecidos, que com a sua investigação e o seu estudo, permitiram que chegássemos a este ponto, “anões aos ombros de gigantes”, desejosos de construir a verdade, que será sempre, como se sabe, inevitavelmente, a *nostra* verdade, não mais do que a verdade do nosso tempo.

Que este nosso esforço contribua para alimentar o “orgulho de ser madeirense” (parafraçando o título de um livro do P.<sup>e</sup> Eduardo Nunes<sup>2</sup>) e, já agora, que concorra, na perspetiva da História, da Política e das Instituições, para (re)colocar o nosso Arquipélago no quadro da Historiografia Portuguesa, que inúmeras vezes tem dado demonstrações concretas do quanto nos ignora, pensando que nos conhece. E terá de ser também um contributo para a (re)colocação da Madeira nos espaços atlântico e europeu.

Ora, para que tudo isto se concretize, para que esta (re)colocação se verifique, é necessário primeiro cumprir com um aforismo clássico:

---

<sup>2</sup> Eduardo Nunes, *Porque me orgulho de ser madeirense*, Funchal, Tipografia Esperança, 1951, p. 125.

“conheçamo-nos a nós mesmos” e, ao fazê-lo, ao procedermos a esta tomada de consciência, “ultrapassemos o que somos”, lancemos pontes e estabeleçamos as ligações necessárias para a concretização de uma *Insularidade Nova*, como necessariamente terá de ser a insularidade do e para o século XXI, de efetiva abertura (e não de encerramento), de comunhão (e não de exclusão), sempre conscientes de que fazemos parte de um Todo.